

## DA QUADRA DE ESPORTES PARA A SOCIOLINGUÍSTICA

Gislane Nunes Leitão (IFF)  
gnunes@iff.edu.br

### RESUMO

Percebemos com frequência a variação da língua no município de Bom Jesus do Itabapoana, no noroeste fluminense, identificando na pitoresca linguagem dos seus habitantes, expressões como o “foi parar em” com o sentido de “chegar a”, “dar ou passar a puaia”, “comer a puaia”, e as palavras “camaleão” e “lagartixa” com sentidos contrários, além de grafite para designar lapiseira, com base no dicionário da língua portuguesa. Neste estudo, além do registro sobre algumas variações regionais, será objeto da pesquisa o termo “tampar”, usado de forma peculiar nas aulas de educação física, com o sentido de arremessar, lançar ou jogar. Para isso, foram realizadas observações das aulas e entrevistas com quarenta alunos dos primeiros e segundos anos do ensino técnico integrado ao médio de agropecuária e química, do Instituto Federal Fluminense, contendo a amostra grupos com a mesma quantidade de alunos por série e por curso avaliado, com o objetivo de verificar a influência da origem rural e urbana e a possível incorporação do uso do termo técnico. Constatou-se então, que não houve diferença significativa na frequência do uso da palavra por alunos oriundos do campo ou da cidade, porém se evidenciou uma ampliação do vocabulário dos jovens, que passaram a utilizar com mais frequência os termos técnicos. O regionalismo estudado realmente mostrou-se bem marcante, principalmente em momentos de descontração das turmas observadas. Acredita-se que todos os professores devem conhecer a Sociolinguística para que haja extinção do preconceito linguístico e valorização das experiências dos alunos, ampliando-se a capacidade comunicativa dos mesmos.

**Palavras-chave:** Regionalismo linguístico. Tampar. Educação Física.

### 1. Introdução

Podemos observar com frequência a variação da língua ao compararmos grupos sociais dos quais fazemos parte, o que não se constitui um problema já que consideramos a língua como instável, heterogênea e variável. (BAGNO, 2007, p. 36)

Será estudada neste trabalho uma variação diatópica do município de Bom Jesus do Itabapoana, localizado no noroeste fluminense, sendo o objeto do estudo o termo “tampar” usado de forma peculiar nas aulas de Educação Física, com o sentido de arremessar, lançar ou jogar.

Na pesquisa, foram realizadas entrevistas com quarenta alunos dos primeiros e segundos anos do ensino técnico integrado ao médio de agropecuária e química, do Instituto Federal Fluminense, contendo a

amostra grupos com a mesma quantidade de alunos das séries e cursos estudados.

Os objetivos da pesquisa dizem respeito a identificar se o termo é comum em todo o município ou se há influência da origem urbana e rural na constância da palavra na oralidade dos jovens. Além disso, será analisada a possível redução do seu uso, sendo incorporados ao vocabulário os termos técnicos dos esportes, ouvidos nas aulas.

O interesse por este assunto surgiu devido à percepção de professores residentes em outros municípios e que, informalmente, sempre apontam expressões utilizadas pela comunidade do município examinado.

O presente estudo justifica-se por ser a língua portuguesa tão viva em todas as situações e por conter características próprias, dependendo do meio.

## **2. Expressões típicas na comunicação dos bom-jesusenses**

Localizado no noroeste do estado do Rio de Janeiro, o município de Bom Jesus do Itabapoana, não fica muito distante de Campos dos Goytacazes, no norte do mesmo estado e de outros municípios do noroeste. Ao se atravessar uma ponte de poucos metros, chega-se ao estado do Espírito Santo, mais especificamente a Bom Jesus do Norte. O estado de Minas Gerais também parece exercer grande influência sobre o município.

Fazem parte da pitoresca linguagem dos seus habitantes, palavras e expressões bem características e que, talvez, também sejam usadas em outros municípios vizinhos do noroeste fluminense, porém esta pesquisa se limitou a Bom Jesus do Itabapoana.

Segundo Mônica Teixeira Tupini e Evandro Francisco Marques Vargas (2015), puaia pode ser considerada um patrimônio genuíno da oralidade do bom-jesusense que até costuma usar uma frase emblemática: “Eu sou de Bom Jesus, eu conheço a puaia!”. De acordo com o estudo dos autores citados, ao se usar “passamos ou damos a puaia”, tem-se a intenção de enganar, agradar ou receber algo em troca, exprimindo o contrário do que se pensa, floreando ou exagerando a verdade, utilizando ironia para isso. Sendo assim, cabe aquele que recebe a mensagem então, “comer ou não a puaia”, isto é, aceitá-la ou não como verdade.

Informalmente, durante esta pesquisa, jovens foram questionados sobre este termo e, apesar de não fazerem uso da "puaia" no seu cotidiano, a maioria deles já ouviu a respeito ou conhece pessoas que falam. Professores da escola aqui estudada e que residem há tempo na cidade, também já tiveram contato com a expressão idiomática citada.

Continuando na busca por outras variações, identificou-se uma interessante troca de denominações dadas ao camaleão e à lagartixa, tomando por base a terminologia do dicionário formal da língua portuguesa que define camaleão como "lagarto arborícola, dotado de língua longa e pegajosa e capaz de alterar a sua cor para se proteger dos predadores" e como lagartixa, "nome comum a diversos pequenos lagartos que comem insetos e possuem dedos adesivos que lhes permitem subir em paredes" (HOUAISS, 2010). Alguns podem confundir o caso com variação lexical, mas não é o que ocorre, pois não ocorre atribuição de mais de uma nomeação para um mesmo significado, mas sim, uma troca de sentidos. Para os bom-jesusenses, lagartixa é a de muro, e camaleão, o de parede.

Mais uma palavra que eles empregam de maneira diferente do seu sentido formal diz respeito à lapiseira, a qual se referem como grafite, sendo descritas, respectivamente, no dicionário da língua portuguesa como "instrumento usado para escrever, semelhante ao lápis, com dispositivo que permite esconder ou pôr a mostra o grafite" e, "bastão de grafita usado em lápis e lapiseira" (HOUAISS, 2010).

Foi interessante também, escutar muitas vezes, durante as aulas, a palavra "pocar", que na verdade se origina de espocar, e significa, também conforme Antônio Houaiss (2010), "dar estouros; estalar; pipocar". Do mesmo modo, esta aplicação é típica dos moradores da cidade vizinha – Campos dos Goytacazes – ao norte do estado do Rio de Janeiro.

Além disso, em diálogos com a comunidade escolar, nota-se a utilização do termo "foi parar em", com o sentido de "chegar a". Esta é mais uma variação bastante comum no vocabulário, especialmente em se tratando dos jovens e adolescentes.

Vemos então, que as experiências de vida atuam sobre a comunicação das pessoas. Carlos Alberto Faraco (2015, p. 28) indaga sobre os motivos que poderiam levar a escola a uma tentativa de ser sociolinguisticamente homogênea, quando as vivências são totalmente heterogêneas. Diante do próprio questionamento, ele ainda adverte:

É preciso ter sempre muita cautela com juízos de correção. Para o senso comum, formado na crença de que esses juízos são absolutos, ou seja, de que

na língua é sempre pão-pão-queijo-queijo, parece óbvio que se está num terreno de completa certeza. Contudo, não são tantos assim os casos em que há efetivo consenso de julgamento entre os diferentes instrumentos normativos. (FARACO, 2015, p. 29)

### **3. A variação linguística nas aulas de educação física**

A variante tampar vem sendo usada, reiteradamente, por praticamente todos os alunos, nas aulas de educação física do Instituto Federal Fluminense, do *campus* Bom Jesus do Itabapoana, o que não parece ser uma influência da classe social nem da faixa etária (adolescentes) do ensino médio, porém estima-se que isto ocorra devido à localização geográfica dos mesmos. Segundo Izete Lehmkuhl Coelho *et al.* (2015, p. 38) nomeia-se esta variação como regional, geográfica ou diatópica, a qual nos leva a reconhecer, frequentemente, com bastante certeza, a origem do falante de acordo com a maneira que se expressa oralmente. A variação destacada agora e as outras anteriormente expostas, são avaliadas como plenamente funcionais de acordo com o que defende a sociolinguística:

Outro postulado fundamental da Sociolinguística é esse aqui: toda e qualquer variedade linguística é plenamente funcional, oferece todos os recursos necessários para que seus falantes interajam socialmente, é um meio eficiente de manutenção da coesão social da comunidade em que é empregada. (BAGNO, 2007, p. 48)

Com uma ementa bem diversificada de educação física destinada às três séries do ensino integrado dos cursos técnicos e médio do estabelecimento observado, destacam-se alguns esportes praticados, como os arremessos e lançamentos do atletismo (primeiro ano), o handebol, o voleibol, o basquete e o futsal (segundo ano) e o tênis (terceiro ano). Todos estes conteúdos proporcionam práticas com uso constante da palavra tampar com os sentidos de lançar, arremessar e jogar.

Ao consultar o *Dicionário da Língua Portuguesa*, Houaiss (2010), o conceito encontrado para tampar é dado como “pôr tampa ou tampo em; tapar, fechar”.

Porém, logicamente, em se tratando de atividades comuns realizadas numa quadra de escola, seria incoerente a palavra dita, incontáveis vezes, todos os dias, neste local. Por isso, os professores devem estar sempre atentos, como advertido a seguir:

Cabe ao professor reconhecer, na linguagem, esse instrumento de libertação e ampliar as competências linguísticas dos alunos, a partir daquelas com que eles chegam à escola, sem negá-las, mas reconhecendo nelas importante

aquisição já consolidada. Isso constitui uma decisão fundamental. (CYRANKA, 2015, p.34)

Segundo Roberto Gomes Camacho (2001, p. 67), a linguagem pode manifestar um caráter discriminatório por causa da variação linguística e dos mecanismos de classificação. Sobre o preconceito linguístico, é interessante ainda o destaque abaixo:

(...) na crença de que só existe, uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”. (BAGNO, 1999, p. 40)

Entretanto, faz-se necessário, entender pelo contexto até para que esta variante não traga um clima hostil nas aulas, principalmente por professores que não são de Bom Jesus do Itabapoana e que desconhecem este regionalismo.

#### **4. Metodologia**

A pesquisa foi realizada com quarenta alunos do Instituto Federal Fluminense do *campus* Bom Jesus, sendo dez do primeiro ano em Agropecuária, dez do primeiro ano em química, e, os outros vinte, do segundo ano dos mesmos cursos, sendo também dez de cada um deles. Ao utilizar uma amostra de duas séries, a intenção foi a de analisar se houve redução do uso da variante *tampar* com sentido de arremessar, lançar ou jogar e se a utilização do termo técnico passou a ser mais evidenciado na fala dos alunos por causa do uso contínuo pelo professor. No caso de o estudo ter sido feito com dois cursos integrados, considerou-se que muitos alunos da agropecuária são oriundos da zona rural, ao contrário das turmas de química, em que quase a totalidade é oriunda da zona urbana, avaliando a partir daí também a influência da cidade e do campo.

Utilizou-se uma entrevista gravada com cada aluno individualmente, onde constavam no questionário, três perguntas sobre as aulas de educação física no IFFluminense, sendo o foco o terceiro questionamento em que se pedia para explicar a experiência no conteúdo de arremessos e lançamentos (peso, dardo e disco). A primeira pergunta foi um meio de estabelecer um primeiro contato e facilitar uma comunicação mais espontânea, pedindo que os alunos falassem como veem a educação física de maneira geral e a segunda pergunta foi relacionada ao conteúdo de ginás-

tica para que os alunos começassem a falar sobre as experiências específicas de uma maneira descontraída para assim, chegar ao ponto de maior interesse.

Considerando que poderia haver alguma inibição apesar dos cuidados na ordenação das perguntas, recorreu-se também à observação atenta das aulas e anotação de alguns pronunciamentos relevantes.

## **5. Discussão dos resultados**

Durante as entrevistas, o termo *tampar* foi falado várias vezes, sendo um pouco mais frequente nas turmas de primeiro ano que nas de segundo e bem equilibrado entre as duas turmas de séries iniciais e entre as duas intermediárias, dos diferentes cursos.

No primeiro ano, das vinte pessoas, cinquenta e cinco por cento falaram o termo estudado e apenas trinta e cinco por cento do segundo o fizeram. Seguem alguns recortes do exposto pelos alunos do primeiro ano:

**Eu lembro que tinha que colocar aqui e tampar pra frente.** (E1 – Turma 1º Química)

**Eles tampam a bola com muita força.** (E2 – Turma 1º Química)

**Os meninos competindo querem tampar mais forte.** (E3 – Turma 1º Agropecuária)

**Você não tampa ele com muita força.** (E4 – Turma 1º Agropecuária)

Provavelmente a redução tenha ocorrido, pois os professores utilizam-se dos termos técnicos com regularidade nas aulas e, por isso, alunos mais avançados e que já tem uma maior vivência acabam os incorporando ao seu vocabulário. Conclui-se, que mesmo sem conhecer a sociolinguística e a teoria da variação, os docentes da educação física, nesta instituição de ensino, tenham contribuído para essa ampliação da língua portuguesa.

Ainda assim, muitos alunos continuam adotando a palavra ao se expressarem oralmente, como nos destaques a seguir:

**Você coloca a bola na orela e tampa.** (E5 – Turma 2º Agropecuária)

Foi interessante que uma das adolescentes, ao descrever o arremesso de peso, mudou seu discurso no meio da frase, tentando usar uma linguagem dentro da norma-padrão:

**No peso, a pessoa parava de lado, colocava a bola e virava para o lado que ia tampar. Tampar não! Jogar! Ai...** (E6 – Turma 2º Química)

Essa fala foi marcante para mostrar a preocupação em utilizar uma linguagem mais formal diante da entrevistadora, professora da área, cujos assuntos estavam sendo abordados.

No caso de investigar a maior incidência da aplicação da palavra entre os cursos e uma maior incidência por parte de pessoas oriundas da zona rural, a hipótese não foi comprovada durante o estudo. Mesmo os alunos da agropecuária tendo utilizado um pouco mais o termo em questão, a diferença foi mínima, o que demonstra que essa variação é habitual nos diálogos dos indivíduos tanto da cidade quanto do interior do município.

O termo *tacar* também foi mencionado em alguns momentos, mas bem desproporcional quando comparado ao foco desta pesquisa.

Vale destacar que durante a observação das aulas, a variação estudada parece ainda mais presente do que na entrevista, o que sugere que em momentos de extravasamento de emoção na quadra de esporte, os alunos a utilizam com maior frequência. Nas atividades de arremessos e lançamentos fizeram parte das comunicações dos jovens:

**Quero ver quem tampa esse disco mais longe!**

**Professor, a nota vai ser maior para quem tampar mais longe?**

Nos segundos anos, as competições entre os times levam a encorajamentos com o fim de que os colegas executem gols no futsal e no *handebol*, por exemplo:

**Tampa essa bola com força!**

**Dê os três passos antes de tampar!**

Já nas aulas dos terceiros anos, o contato inicial com o tênis, esporte considerado de elite, leva à insegurança e a construções do tipo:

**Professor, acho que eu não vou conseguir tampar essa bolinha longe.**

**Difícil tampar a raquete nessa bolinha...**

Constatou-se assim, que o termo *tampar* realmente faz parte do vocabulário dos moradores do município, independente de serem da área urbana ou rural e que houve uma expansão do conhecimento dos alunos sobre novos termos para o enriquecimento das suas construções comunicativas.

## 6. Considerações finais

Foi possível analisar neste estudo, o regionalismo do município de Bom Jesus do Itabapoana em todos os ambientes em que os falantes se expressam oralmente. A partir dele, torna-se possível que professores de várias áreas de ensino, diferentes da língua portuguesa, passem a identificar e valorizar essas variações que são extremamente importantes para a construção da comunicação e, para a ampliação do vocabulário do grupo. Talvez, seja ainda mais necessário, que esta pesquisa sirva de alerta para que todos os docentes, em suas aulas, excluam de suas falas o preconceito linguístico e trabalhem isto também com os educandos que, por qualquer motivo, desconheçam as variações linguísticas dos colegas de classe.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística: Parte II. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001, vol. 1, p. 49-75.

COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria N. de; GÖRSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique. *Para conhecer a sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

FARACO, Carlos Alberto. Norma culta brasileira: construção e ensino. In: ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto. *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola, 2015, p. 19-30

CYRANKA, Lucia F. Mendonça. A pedagogia da variação linguística é possível? In: ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto. *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola, 2015, p. 31-52.

HOUAISS, Antônio. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. 4. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

TUPINI, Mônica Teixeira; VARGAS, Evandro Francisco Marques. Da

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

planta para a língua: uma análise das representações sociais sobre a puaia em Bom Jesus do Itabapoana. *Cadernos do CNLF*. Rio de Janeiro, vol. XIX, n. 12, p 70-78, 2015. Disponível em:  
<[http://www.filologia.org.br/xix\\_cnlf/cnlf/12/007.pdf](http://www.filologia.org.br/xix_cnlf/cnlf/12/007.pdf)>.